

VAREJO

Loja criada em 1937 destaca a imigração libanesa em Bagé

Jéssica Pacheco, de Bagé

Especial para o Jornal Cidades

A cidade de Bagé, na região da Campanha, carrega em suas ruas e vitrines marcas da história da imigração libanesa. Desde o início do século XX, comerciantes vindos do Oriente Médio — especialmente do Líbano, da Síria e da Palestina — contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento urbano e econômico do município. A tradicional loja York, no Centro da cidade, é um símbolo vivo dessa contribuição.

Fundada em 1937 por um jovem libanês cristão de apenas 16 anos, a York nasceu da coragem e da fé de um imigrante chamado Francisco Kalil, que embarcou no navio Neptuno rumo ao Brasil, partindo da cidade de Brumana, nos arredores de Beirute. Após um mês atravessando o oceano, desembarcou no Porto de Rio Grande e seguiu de trem até Bagé, onde começaria sua trajetória no comércio local.

“O início foi muito difícil porque, como todo imigrante, os hábitos culturais, a linguagem, a comunicação eram muito difíceis”, relata Luís Francisco Kalil, filho do fundador e atual proprietário da loja. “Mas ele costumava dizer que, com fé em Deus e seriedade no trabalho, tudo evolui”, complementou.

Antes de ocupar o imponente prédio que abriga a York atualmente, o negócio teve início em um espaço



Na região central da cidade, a York, além de vender itens, mantém um museu com a história dos fundadores

modesto — um pequeno ponto embaixo de uma escadaria, onde Francisco mal conseguia ficar de pé para atender os clientes. Depois, passou para o Mercado Público de Bagé, de onde teve que sair na década de 1950 com a demolição do prédio. Aos poucos, a loja se expandiu, adquirindo imóveis vizinhos e consolidando-se como uma referência regional em vestuário, calçados e artigos para o lar.

O setor têxtil, tradicional entre os imigrantes libaneses, foi a porta de

entrada de muitos para a atividade econômica urbana no Brasil. “Esses imigrantes contribuíram muito para desenvolver a cidade. Eram atividades que não existiam em Bagé ou eram muito rudimentares. Isso aumentou o número de empregos e a renda da cidade”, afirma Kalil. Segundo ele, até hoje o comércio ainda é um dos maiores empregadores da região.

A permanência da York por quase nove décadas é resultado de um esforço contínuo de atualização da

gestão. “O maior desafio nunca foi a concorrência, mas sim acompanhar o mercado, se adaptar às novas demandas e manter uma equipe comprometida”, avalia Kalil. Muitos dos colaboradores da empresa têm décadas de vínculo com a loja, o que fortalece a identidade e a confiança no serviço prestado à comunidade.

Hoje, aos 88 anos de fundação, a York carrega também um compromisso com a memória. Em 2008, foi criado no segundo andar da loja um pequeno museu que preserva

documentos, imagens, objetos e relíquias da trajetória do fundador e da evolução do negócio. O espaço inclui máquinas de escrever, calculadoras manuais e fotografias antigas que contam, em detalhes, a relação entre a empresa e a cidade.

“A história da empresa se mistura com a história de Bagé”, diz Kalil. “Ao longo do tempo, muitas coisas vão sumindo e ficando desconhecidas. O museu é uma forma de manter viva essa trajetória para as futuras gerações”.

Entidades representativas da comunidade libanesa no país estimam que, atualmente, cerca de 400 mil descendentes de libaneses vivam no Rio Grande do Sul — e em Bagé, essa presença se reflete não apenas na economia, mas também na cultura local. A herança deixada por imigrantes como Francisco Kalil, fundador da York, continua a influenciar o modo de empreender, os laços comunitários e a valorização da história familiar como base para o futuro.

Ao celebrar seus 88 anos de funcionamento ininterrupto, a York representa mais do que um ponto comercial: é um testemunho da força da imigração na construção do interior gaúcho. A loja segue viva, atualizada, com vitrines que se renovam, mas com raízes fincadas na coragem de quem atravessou oceanos com um sonho — e ajudou a moldar uma cidade inteira a partir dele.

INFRAESTRUTURA

Dnit realiza obras em ponte sobre o Rio das Antas, na BR-470

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) está realizando as obras de manutenção da ponte Ernesto Dornelles, na BR-470, sobre o Rio das Antas, entre Bento Gonçalves e Veranópolis, na Serra Gaúcha. O canteiro foi instalado, os tapumes colocados e a sinalização reforçada para orientar os motoristas que trafegam pelo local. As intervenções fazem parte do Programa de Manutenção e Reabilitação de Estruturas e terão um investimento de R\$ 12,9 milhões.

A ponte sobre o Rio das Antas, que já soma mais de 70 anos de operação, apresenta atualmente alguns sinais de desgaste natural. Por isso, o Dnit fará intervenções importantes para garantir a segurança dos usuários e preservar a estrutura.

O prazo da obra é de 12 meses, e os serviços começam pela remoção e renovação completa do pavimen-

to de concreto da pista, etapa que irá exigir redução do tráfego para apenas uma faixa. O sistema de comboio e o Pare e Siga aos domingos permitem que a ação seja mais eficiente.

Ao longo dos próximos meses, também serão executados serviços

fundamentais, como a restauração dos pendurais, que são os elementos que conectam os arcos ao tabuleiro da ponte, além do tratamento das fissuras, recomposição de concreto deteriorado, reparo de armaduras expostas e outras ações de recuperação estrutural.



Estrutura, que tem mais de 70 anos, apresenta sinais de desgaste

QUALIFICAÇÃO

Programa para a capacitação de mulheres vulneráveis oferta 100 vagas em Canoas

O programa Avança Mulher Empreendedora chega a Canoas com 100 vagas destinadas a mulheres dos bairros Mathias Velho e Guajuviras. A iniciativa visa capacitar e empoderar mulheres em situação de vulnerabilidade econômica, social ou climática, promovendo o desenvolvimento econômico inclusivo através da potencialização de seus negócios.

O programa tem como pilares a qualificação profissional, a legalização de negócios informais e o fortalecimento da autonomia financeira das participantes. A formação abordará temas como boas práticas empreendedoras, desenvolvimento pessoal e de marca, análise de negócio e precificação, estratégias de venda, economia e finanças, e elaboração de plano de ação. Além das aulas, as participantes contarão com 90 dias de mentoria individualizada. A conclusão do curso será marcada por uma feira de

empreendedoras, onde poderão expor e vender seus produtos ou serviços.

A primeira reunião com lideranças locais está marcada para o dia 15 de julho. Após essa etapa, serão abertas as inscrições para as mulheres interessadas, e o início das aulas está previsto para o dia 11 de agosto. O cronograma completo, locais do curso e demais detalhes serão divulgados após a primeira reunião.

A secretária de Desenvolvimento Econômico e Inovação, Patrícia Augsten, afirma que o programa vai impulsionar o empreendedorismo feminino nos bairros contemplados. “Entramos em contato com a Junta Comercial para trazer o Avança Mulher Empreendedora para Canoas porque entendemos a importância dessa iniciativa e como ela poderá impactar positivamente na vida das mulheres canoenses e de suas comunidades”, destaca.